

## Quando duas vidas se juntam no estudo de outras: as pesquisas de Rosalind e Jac Janssen sobre os antigos Egípcios

---

Margaret Marchiori Bakos

### Abstract

*Pendant de nombreuses années, les égyptologues se caractérisèrent par les faits suivants: ils menaient à bien des recherches archéologiques; et ils produisaient des descriptions détaillées. Cette façon d'envisager l'égyptologie est en train de changer. En s'approchant de l'histoire, de l'anthropologie et de la linguistique, les égyptologues écrivent désormais des textes plus attirants que par le passé en ce qui concerne et les choix de sujets et les façons de les aborder. Parmi ceux qui s'attachent aux tendances d'un renouvellement, nous trouvons Rosalind et Jac. Janssen, bien connus internationalement à cause de leur études nombreuses et sérieuses en égyptologie. Cet article entreprend de résumer le contenu de deux de leurs livres, voulant ainsi leur prêter l'hommage qui consiste à reconnaître leur importance dans l'ensemble constitué par l'historiographie qui s'occupe de l'Égypte ancienne.*

### Introdução

Ocupando um espaço exíguo, do imponente prédio do University College London, encontra-se o Petrie Museum cuja coleção de objetos de cerâmica do Antigo Egito é a mais completa, disponível, na atualidade. Ali, também podemos admirar centenas de outras manifestações daquela civilização, valiosas pela beleza, no caso de jóias e adornos, e pelas informações, registradas em papiros e outras matérias primas, nas grafias hieroglífica, demótica e hierática.

A circulação dos visitantes é fiscalizada por um atento funcionário. Aos pesquisadores qualificados são destinados locais próprios, para escreverem os seus trabalhos.

Em um dos cantos da galeria, em uma peça pequena, com uma grande janela, de onde se descortina uma das entradas centenárias do University College, trabalha Rosalind Janssen. A própria organização do escritório revela a dedicação da superintendente ao seu ofício: há catálogos de locais importantes do mundo egíptológico e endereços de pessoas e artigos especializados em vários arquivos suspensos, encimados por murais, onde estão arroladas listas de prioridades a executar.

Os afazeres dessa curadora, ali, são inúmeros, desde o controle, a manutenção, a aquisição e os empréstimos de peças, até a organização de exposições e seminários, esses muitas vezes dirigidos ao seletivo grupo dos 'Amigos do Petrie Museum'. Tive a sorte de participar de um desses eventos, em janeiro de 1989, em cuja temática — Vestimentas do antigo Egito — Rosalind é autoridade mundial.<sup>1</sup>

Há quase dez anos, Rosalind usufrui, no Petrie Museum, da companhia de um dos maiores egíptólogos da atualidade: Jac Janssen, atualmente pesquisador honorário do University College.<sup>2</sup> A convivência dos dois se estende do ambiente de serviço à moradia, pois, desde 1988, eles estão casados e solidamente ligados pela presença constante do Egito, em suas vidas.

No ano de suas bodas, Jac Janssen escreveu um trabalho com o título "Problemas de casamento e reações públicas", no Antigo Egito.<sup>3</sup> Se há alguma relação ou apenas coincidência, entre sua vida e a criação literária, somente ele poderia dizer. Relembrando a forma como conheci Jac Janssen, imagino que ele simplesmente se divertiria com essa questão, se perguntado, em lugar de filosofar sobre ela.

Conheci o parceiro de Rosalind na Biblioteca do University College, onde eu estava a ler um de seus livros. Ele aproximou-se e me perguntou se eu o estava apreciando, identificando-se, divertido, como seu autor, somente após animada discussão sobre o texto.<sup>4</sup> Alegre e bem humorado, ele é, sem dúvida, uma companhia perfeita para a tranqüila e eficiente curadora do Petrie Museum.

A intenção deste artigo é exatamente brindar essa dupla que faz da egiptologia um prazer, uma profissão e um elo de união. A longa lista de textos e obras dos dois autores, escritas isoladamente ou com outras parcerias, demonstra que o entusiasmo por esse labor já era parte constitutiva da personalidade de ambos, ainda antes do enlace. O casamento, talvez, apenas, facilitou e legitimou gerar, entre outras, duas importantes obras conjuntas: "Crescendo no Antigo Egito" e "Envelhecendo no Antigo Egito."<sup>5</sup>

Em respeito à lei da natureza e à cronologia, começaremos tecendo considerações sobre a primeira obra que, ao ser seguida pela outra que estuda o processo de envelhecimento, completará a mensagem humanista acerca dos antigos egípcios no seu dia-a-dia. Tal abordagem, de caráter antropológico, construída com indícios trazidos de pesquisas arqueológicas, históricas e semióticas, somente foi possível pela rica visão de mundo desses dois historiadores.<sup>6</sup>

É mister apontar que, ao escreverem o livro "Crescendo no Antigo Egito", os autores não buscaram apenas entender como se lidava com a criança e a infância na Antiga Civilização Egípcia. Na sua análise, eles não se preocuparam em formar teorias gerais a respeito de qualquer aspecto específico dos diferentes momentos do processo de vida, naqueles tempos.<sup>7</sup>

Através de pesquisa em vinte coleções de museus e quarenta nove tumbas, em Tebas, os autores conseguiram ilustrações inéditas, reveladoras de indícios acerca dos seguintes temas: Gravidez e nascimento; O bebê; A criança vestida e enfeitada; O reino da infância; Transição para o amadurecimento; Adolescência e casamento; O infante real; As companhias do Príncipe; As percepções da sociedade sobre a geração jovem.<sup>8</sup>

Os temas perfazem onze capítulos. Embora muitos já tenham sido objeto de estudo ou de publicações, sob a forma de livros ou artigos, nunca foram reunidos em uma só obra, com esses objetivos. Isso se comprova, inclusive, pela atualizada revisão bibliográfica, com textos em francês, alemão e inglês.

No capítulo sobre gravidez e nascimento, os Janssen esclarecem, primeiramente, que a concepção e o parto tem várias explicações, de cunho mitológico, algumas muito bonitas e poéticas. Como exemplo podemos citar o papel da deusa céu — Nut —, no Mito de Heliópolis, que os antigos egípcios acreditavam engolir o sol ao entardecer, para fazê-lo surgir ao alvorecer de cada novo dia.

Já algumas estórias e papiros médicos estabeleciam uma conexão entre relações sexuais e concepção, bem como maneiras de evitá-la e, até mesmo, receitas para abortar gravidezes indesejadas.

Do mesmo modo, lógica e magia se misturavam nos meios empregados para conhecer detalhes do "estado interessante". De um lado, procuravam ver a pulsação da mulher, observar as cores de seus olhos, pele e testar sua propensão para o vômito; de outro, para saber se o futuro bebê seria menino ou menina, aconselhavam, entre outros, o seguinte procedimento feitiçeiro:

Você deve pôr trigo e cevada em sacos de pano.  
A mulher deve passar sua água nela, todo dia.  
Se ambas germinarem, ela vai dar à luz.  
Se o trigo germinar, ela vai parir um menino.  
Se a cevada germinar, ela vai parir uma menina.  
Se nenhum germinar, ela não vai dar à luz.

As gestantes, se abonadas, costumavam massagear a barriga para evitar estrias. Guardavam o óleo em recipientes apropriados, facilmente reconhecíveis, por representarem figuras com formato antropomórfico, nuas, ostentando uma barriga de parturiente em estágio adiantado e sem genitália.

Havia lugares especiais para os nascimentos — as salas de confinamento —, enfeitadas e alegres, onde as mulheres, geralmente, pariam acoradas sobre alguns tijolos. Durante o parto, elas eram assistidas ou por mulheres da família ou por pessoas especializadas, que também lhes faziam a toailete, ofereciam comida e bebida, ao longo dos 14 dias de isolamento.

Amuletos, com imagens dos deuses Bês e Tawret, eram normalmente presentes na hora do parto, pois ambos eram considerados entidades protetoras das mulheres e das famílias.

A mortalidade infantil era alta no antigo Egito. Esse fato talvez explique o conhecimento de apenas três casos registrados de sobrevivência de gêmeos e trigêmeos, na quinta, na décima oitava e na décima segunda dinastia. A esse respeito, os Janssens levantam outras hipóteses.

Valorizando o significado da palavra escrita no Antigo Egito, os autores iniciam o capítulo sobre os bebês, com o relato de suas pesquisas sobre a importância da designar um nome para a criança, no momento do seu nascimento. Geralmente cabia à mãe essa decisão ou, talvez, a pessoas que estivessem junto com ela, no momento.

O nome de uma pessoa podia estar relacionado a várias fatos. Por exemplo Wersu, significando uma qualidade física: "Ele é grande"; ou Panchsy: "O núbio", sua origem; e ainda Dhutmose: "Thot vive", em homenagem ao Deus que ensinou a escrita aos antigos Egípcios, etc.

Os escribas registraram como prazeroso, para as mães, o ato de amamentar. Por alguma razão, entretanto, eram comuns e freqüentemente referidas, para os abonados, as amas de leite, as quais recebiam em espécie. Uma lista de coisas dadas a uma ama de leite, pertencente à coleção do Museu de Turim, discrimina três colares de jaspe, um pente de marfim, um par de sandálias, um cesto, um cepo de madeira, 1 ¼ litro de gordura.

A soma dos valores desses produtos equivalia a cerca 30 ½ deben (1 deben equivalia a 90 gramas de cobre), fato que chamou a atenção dos Janssen, uma vez que, no mesmo período, um médico recebeu 22 debens em mercadorias, pelos seus serviços. Eles aventam a hipótese de que a mulher teria amamentado três crianças, em lugar de uma. Alertam, no entanto, que o fato de as amas de leite serem retratadas nas tumbas dos altos oficiais por ser, certamente, representativo de sua grande valorização social, pode explicar seus ganhos.<sup>9</sup>

A própria valorização do papel da mãe estava ligada ao aleitamento, pois o leite era designado como um 'líquido curativo', que verte dos seios. As mulheres, mães ou amas, costumavam segurar o bebê no colo, para amamentá-los. Todos os cuidados eram necessários devido ao grande número de enfermidades que ameaçavam os seres daqueles tempos, especialmente as crianças. Por isso, foi criado um grande número de amuletos, para garantir saúde aos filhos e muitos conjuros para reforçar as magias.

No capítulo sobre a criança vestida e enfeitada, os Janssen propõem uma problemática duplamente instigante: como saber a vestimenta das crianças, se são inconfiáveis as informações vindas, mormente, de relevos, pinturas e estátuas?

Os Janssen desfiaram uma série de problemas de cunho metodológico a respeito de tais fontes. Primeiramente, as idades verdadeiras não são levadas em conta e, sim, o estágio de vida das pessoas, ou seja, se crianças, adultas ou velhas. Segundo, a arte egípcia, ao seguir convenções muito rígidas, oferece imagens conservadoras. Assim, por exemplo, até o Novo Reino, os homens eram invariavelmente representados com os torsos expostos. Isso, para os Janssen, não era plausível, na realidade, pelo frio que fazia no inverno e pelas vestimentas remanescentes do período, que testemunham outros hábitos. Tais discrepâncias levam os autores a duvidar do costume de nudez atribuído às crianças, até atingirem a maturidade, como é voz corrente.

Os autores tecem considerações sobre representações oriundas da décima segunda dinastia, da décima oitava, de Amenófis II ao período de Amarna, da décima nona e vigésima XX dinastia. Segundo eles, os antigos egípcios, talvez pelo clima quente, eram menos apreensivos com a nudez, do que nós. Afirmam ainda que, embora, bem possível em crianças e em jovens servas, isso não significa que não possuíssem nem usassem roupas para os dias mais frios.<sup>10</sup>

O capítulo, como os demais, é finamente ilustrado. Uma das fotos mostra uma veste de linho de uma criança, da Iª dinastia (+- 2.800 a.C.), o que a torna a mais antiga peça de roupa do mundo e uma das mais preciosas da coleção do Petrie Museum. Os autores apresentam ainda outros exemplos igualmente valiosos para a tese de que as crianças do Antigo Egito possuíam e vestiam roupas, também.<sup>11</sup>

As formas de penteado são esmiuçadas e a idéia de que havia enfeites, em forma de peixe, por exemplo, para prender os cabelos ficou, entre outras, comprovada, bem como as variações da moda quanto ao cabelo.

Ao tratar do que denominam "o reino da infância", a metodologia empregada busca valorizar, como fontes fidedignas, as representações nas cenas de túmulos. Elas revelam, por exemplo, quais eram os brinquedos prediletos das crianças, seus mascotes, seus jogos e como era gradual a passagem dessa fase para a adulta.<sup>12</sup>

O cão era, sem dúvida, entre os mascotes, o predileto. Nos brinquedos, reinava a bola de madeira ou de couro, costurada, estufada com grama seca ou palha de milho.<sup>13</sup>

Segundo os autores, desde os três anos de idade os meninos já eram ensinados a levar recados e a alimentar os animais. Tais responsabilidades aumentavam paulatinamente até que, aos doze anos, eles recebiam efetivas tarefas nas lides do campo. Da mesma forma, as meninas eram precocemente levadas a participar das atividades da família. Aos 7 anos, elas já ajudavam na feitura do pão e na coleta de combustível para o forno.

Os Janssen são pontuais sobre a importância econômica das crianças, visto que nas famílias menos abonadas elas faziam as tarefas próprias da criadagem. Entre elas, sem dúvida, a mais comum, era cuidar dos irmãos menores, para os quais elas serviam como modelos a serem imitados.<sup>14</sup>

Para o capítulo sobre jogos, as imagens nas túmulos foram as fontes referenciais mais importantes. Cabe ressaltar que elas não mostram apenas retratos da realidade, pois as atividades têm um caráter religioso ligado à vida após a morte. Os jogos, possivelmente de caráter didático, preparavam para aspectos da vida adulta, como a atividade sexual.

Com raras exceções, as pinturas mostram meninos e meninas jogando juntos. Muitos dos movimentos foram considerados, pelos Janssen, como "atléticos", mas, segundo os autores, nada indica qualquer semelhança entre eles e a educação física dos gregos, ou da modernidade.

Acrobacias, relacionadas com as danças, têm um papel especial no culto. Eram acompanhadas por músicos, tocando harpa e sistro (espécie de chocalho egípcio). Tais movimentos, conforme as ilustrações, eram

lentamente aprendidos, por grupos de meninas, que se ajudavam mutuamente. As meninas também são retratadas em tentativas de jogos com três bolas ao mesmo tempo, evitando que caíam no chão.

Os meninos também tinham os seus jogos, como "jogo do burro", "jogo da estrela", "cabo de guerra", sendo este um dos raros jogos de times, etc

Muitos dos jogos exigiam equilíbrio e integração entre os membros, o que certamente, revela um treinamento continuado. Do Médio Reino, datam várias cenas de lutas, tipo romanas. Os contendores eram pintados em cores diferentes, para serem melhor individualizados, segundo explicam os autores.

Ao analisar 'o escolar', os Janssen explicam que o grupo com poderes decisórios no Antigo Egito era formado pelos escribas, literalmente 'aqueles que sabiam ler e escrever', constituído por funcionários de Estado, pelo alto clero e, a partir do Novo Império, pelos generais militares. Através da análise de vários casos de escribas que ascenderam socialmente pelos seus conhecimentos, fica acentuada a importância da escolarização e seu extraordinário papel na vida de uma pessoa.

Apesar dessa valorização da escrita, pouco sabemos do modo como as pessoas eram ensinadas. Os Janssen entendem essa lacuna a partir de característica, daquela civilização de apenas mostrar o que é permanente, desprezando o que é transitório; de ressaltar o resultado de um trabalho, e não o modo como ele foi realizado.

A partir de uma análise de textos literários, os autores apontam alguns aspectos da história do ensino. No decorrer do Antigo Reino, não há evidência de escolas, exceto na corte. Nada é sabido sobre quem eram os professores dos príncipes e favoritos do rei. Possivelmente, os pais, sábios, ensinariam seus filhos e outros estudantes.

No decorrer do Reino Médio, aparece a expressão 'casa de instrução', que certamente indica o que denominamos de escola, atualmente. Somente depois do Novo Reino começam a aparecer dados sobre a idade dos alunos, o número deles em cada classe, currículos e demais fatos didáticos.

Em meio a outros, o melhor exemplo sobre a duração do período de aprendizado é relatado pelo escriba Amun Bekenkhons, da XIX<sup>a</sup> dinastia, em uma inscrição em hieróglifos, grafada em sua estátua funerária. Ela informa que Amun estudou quatro anos em uma escola, em Karnak, junto ao Templo da deusa Mut. Depois dessa fase, aprendeu por onze anos em estabelecimentos reais. Após quinze anos de escolarização, ele pôde, finalmente, iniciar uma carreira no Templo, onde era, até então, um

simples sacerdote. Pelos cálculos dos Janssens feitos sobre o restante das informações, Bekenkhons foi longo, iniciou sua formação com cinco ou seis anos e exerceu-a, como escriba, até cerca de noventa anos de idade.<sup>15</sup>

Nesse capítulo, pela escassez de fontes, os autores se autorizaram a fazer deduções. Por exemplo, pressupuseram que, no decorrer da primeira fase de escolarização, as crianças viviam na casa dos pais, a partir do texto "Instruções de Any", em que o sábio aconselhava os jovens a serem gratos às mães, pois "ela os cuidou e lhes deu pão e cerveja diariamente." p. 75.

Em princípio, não havia lugar na burocracia para as meninas, o que desestimula pensar que elas fossem educadas, para a função de escribas. Os Janssen, entretanto, esmeraram-se em pinçar uma série de exemplos em que mulheres ficaram registradas, na história do Egito Antigo, por saberem ler e escrever. Eles, comprovam, por exemplo, que Meritaten e Meketaten, filhas de Akhenaton, sabiam escrever. Eles utilizam também a imensa coleção de ostrakas, provenientes da Vila de Deir el Medina, as quais revelam que muitas mulheres e familiares dos trabalhadores, que ali viviam, sabiam ler e escrever.<sup>16</sup>

O capítulo que os autores consideraram longo (p. 66-89) termina com a otimista conclusão de que, a despeito das inúmeras lacunas ainda existentes, a educação escolar é um dos aspectos mais bem conhecidos sobre o período de crescimento de um infante, naqueles tempos.

Ao tratar da transição para a maturidade, os Janssen pesquisaram os ritos de iniciação à vida adulta, que apontam como característicos das 'sociedades primitivas'. Enquanto a circuncisão é configurada como um dos rituais obrigatórios para os meninos, nada encontraram sobre a cliterodomia, ainda comum em tribos africanas.

O capítulo indica e analisa a única e detalhada representação de uma circuncisão, encontrada na Mastaba de Ankmahor em Saqara, da sexta dinastia. Entre outros aspectos, ela informa que a circuncisão seria uma espécie de rito de passagem da puberdade, pois o menino, nesse caso, teria em torno de doze anos. Essa apreciação é criticável, face aos cânones da arte faraônica, já referidos, de fixar apenas o estágio de vida e não a idade exata do retratado.

Apesar das dificuldades, que desencorajam generalizações, os Janssens apontam uma certeza: diferentemente dos coptas e dos judeus, na atualidade, os antigos egípcios não praticavam circuncisão em recém nascidos. A prática significava uma iniciação ritual à idade adulta, não diretamente ligado à maturidade física do menino. A cerimônia tinha um caráter festivo, com a presença da parentela, vizinhança e amigos do jo-

vem para uma refeição comemorativa, no próprio dia da operação. Fica subentendido que a circuncisão era mais um ritual social que uma prática de caráter fisiológico.

Ao refletir sobre a adolescência e o casamento, os Janssen apontam o interessante processo, em que as crianças vão trocando as brincadeiras pelas atividades produtivas. Para os autores é mais fácil definir a adolescência que a idade adulta. A única exceção era o escriba que, quando assumia seu primeiro trabalho independente, era considerado maduro.

Vários textos de literatura discutem essa questão da passagem, quando expõem como era importante para o homem vencer dificuldades de várias ordens: financeiras, familiares, criminais etc, formar família e adquirir bens materiais. Tal desempenho, sem dúvida, constituía qualificação suficiente para levar um homem à maturidade plena. Nas biografias, encontradas em tumbas e estátuas dos mortos, eram comuns os auto-elogios e a ênfase nas dificuldades vencidas por esforço próprio.<sup>17</sup>

Havia três fatores facilitadores da ascensão social de um jovem: o nascimento, o talento e os favores de um Faraó. Era o governante quem nomeava os funcionários civis, religiosos e militares. Certamente quem possuísse as duas primeiras credenciais tinha, em princípio, o caminho aberto para fazer uma carreira bem sucedida. Para a maioria da população, segundo os Janssen, o melhor a esperar, era ou suceder os pais ou uma atividade militar venturosa.

Do ponto de vista sexual, não há indicador de maturidade. Não existe nenhuma palavra que designe união estável, nem poemas de amor em que eventualmente ela poderia ocorrer. Casamento parece ter sido o evento restrito ao fato de um casal "estabelecer uma moradia" comum.

A partir daí, a denominação da mulher passava a ser "a senhora da casa", o que mostra que o matrimônio, para os antigos Egípcios, era mais um fato social que uma relação legalizada. Visava apenas a uma descendência, possivelmente com base na mútua simpatia entre os consortes e certamente com a sanção da parentela. Ele não implicava nenhuma cerimônia religiosa. Da mesma forma, o divórcio era um assunto de ordem particular.<sup>18</sup>

O domínio dos Janssen sobre a História Egípcia confere autoridade à afirmação dogmática inicial do capítulo sobre 'a criança real': nada em absoluto é conhecido sobre o seu nascimento ou os primeiros anos de sua vida, exceto por referências casuais em narrativas e mitos.

Além da problemática metodológica, o capítulo aponta outra questão instigante: "Quem na história Egípcia eram príncipes e princesas?" As

designações de filhos e filhas dos reis devem ser entendidas literalmente, não eram, portanto, hereditárias?<sup>19</sup>

De um lado, netos dos governantes, aos quais nós também chamaríamos de príncipes e princesas não eram indicados dessa maneira pelos Antigos Egípcios. De outro, a partir do Reino Antigo, encontram-se pessoas intituladas 'filhos e filhas do rei' que, de fato, não o eram.<sup>20</sup>

Os Janssen discutem tais questões hipoteticamente, pela análise de uma série de exemplos. Eles mostram as razões de cunho histórico, que autorizam pessoas, sem nada de real em suas origens, a ostentarem o título de 'filho do rei', face aos cargos, mormente militares, que exerciam. Eles demonstram que a sucessão real também é praticamente desconhecida em seus procedimentos de escolha, pois não sabemos se os filhos de todas as esposas reais podiam suceder o faraó ou apenas alguns deles.

Sobre a expressão 'as filhas do rei' também pairam dúvidas: qual o seu papel na sucessão real e qual o significado dos casamentos entre o faraó e sua irmã ou filha? Se uma princesa desempenhasse as funções maternas em uma cerimônia, poderia receber o título de esposa real, sem que isso significasse compartilhar o leito faraônico?

Sobre as atividades esportivas dos jovens herdeiros, as ilustrações e informações são muitas, pois, como é conhecido de todos, eles representavam o Maat — equilíbrio —, responsável pela perfeição do ser humano, pela sua invencibilidade.<sup>21</sup>

No capítulo sobre a 'companhia do Príncipe', diferentemente dos outros, os Janssen iniciam com uma citação, de Diodorus Siculus, autor grego, do século I a. C., sobre a educação dos príncipes Egípcios. A ligação entre o texto grego e a realidade Egípcia é feita, pela interpretação dos autores de que certos aspectos da literatura têm correspondência com a realidade faraônica. Por exemplo, o fato de crianças, filhas de comuns, serem educadas na corte junto com as reais. Ensinaamentos para manejar arcos, guiar carro de guerra e participar de lutas armadas eram certamente dados a grupos, onde jovens membros da realeza se juntavam aos comuns.

Os filhos dos companheiros militares do rei, bem como os filhos das amas de leite da família real eram, entre outros, muito favorecidos, pois conviviam com os príncipes, recebiam a mesma formação e oportunidades de fazerem carreiras rápidas e de conseguirem postos de liderança na administração do Egito. Muitos deles faziam retratar suas mães amamentando o Faraó, nas suas tumbas, com vistas a imortalizar a relação de 'leite', em lugar da de 'sangue', com a realeza.

No decorrer da décima oitava dinastia, havia, na escrita Egípcia, uma palavra: 'kap', referente a uma parte do palácio, a qual poderia funcionar como uma espécie de escola maternal. Há a hipótese de que os filhos dos governantes estrangeiros eram ali atendidos. De qualquer forma, enquanto o termo foi usado, ser uma "criança da Kap" era, segundo os Janssen, uma grande honraria.<sup>27</sup>

Os Janssen levantam a importante hipótese de que crianças, de ambos os sexos, eram escolhidas para freqüentar a corte devido a sua beleza física. Esse seria caso das meninas alcunhadas de "Ornamento Real", algumas possivelmente oriundas de famílias simples, cujo papel era de dama de companhia em lugar de esposa secundária ou de concubina do rei como se pensou, por longo tempo.

Ilustrado, a seguir, por uma série de exemplos de pessoas bem sucedidas, pela sua proximidade real, o capítulo demonstra a erudição dos autores, mas não avança muito nas questões que propõe, na medida em que essas verdades, nas relações sociais, são difíceis de serem resgatadas, pelas fontes disponíveis.

No que se refere às 'percepções sociais sobre a jovem geração', os Janssen analisam os diferentes termos, existentes nas nossas escritas contemporâneas — no caso, o inglês — e aqueles disponíveis ao longo da história faraônica, para denominar as crianças.

Eles concluem que a maioria dos termos egípcios não designa especificamente uma idade particular, com algumas exceções. Uma delas, por exemplo, é derivada do verbo desmamar, que designava o período de tempo entre as idades de um ou dois até cinco ou seis anos.

A própria expressão 'minha criança', segundo os Janssens, é de tradução problemática, pois, embora, na maioria das vezes, ela refira filhos e filhas genuínos, a partir do Médio Império é muitas vezes empregada para designar alguém que age como filho, apenas.

Freqüentemente a criança é referida como aquela que mantém a vida. Isso é entendido pelos cuidados que se espera dela na manutenção da memória dos pais mortos. Por isso, crianças de ambos os sexos eram normalmente hem-vindas pelos casais. Não ter ou perder um filho era um acontecimento muito trágico às famílias. Inúmeras cartas funerárias e estelas testemunham essas afirmações. Os Janssen escolhem a célebre sentença das Instruções de Any para encerrar, ao mesmo tempo, o livro e o capítulo: 'Feliz é o homem cuja família é grande; Ele é saudado segundo a sua prole'.

Seis anos após o 'Crescendo no Antigo Egito', o casal, em 1966, escreveu em conjunto um novo livro: 'Envelhecendo no antigo Egito'.

Seguindo o enfoque do anterior, a obra tem por objetivo entender o processo de envelhecimento, a outra extremidade da vida humana, em seus aspectos particulares, na antiga civilização Antiga.

O livro é dividido em 12 capítulos: Percepções da velha geração; Os idosos na arte; Múmias e medicina; Cuidados com a casa e heranças; Os ancestrais; A vida ideal e a real; O apoio dos idosos; Os padrinhos; Cuidados com os idosos; Pensionistas idosos; Reis longevos; Administradores idosos; Um egiptólogo centenário.<sup>23</sup>

Inicialmente, os autores reafirmam a disposição de escreverem um texto sem referências bibliográficas exaustivas, embora confessem que essa opção tenha-lhes trazido críticas, ao vivo e sob a forma de artigos. Essa escolha, rara no meio egiptológico, pode ser entendida nas próprias palavras dos autores: "Nossos colegas não as necessitam; pois são capazes, eles mesmos, de reconhecerem nossas fontes, enquanto o público leigo dificilmente as apreciariam, mesmo se eles pudessem chegar até elas".<sup>24</sup>

O acervo de vinte e sete museus e uma bibliografia seleta, especificada para cada capítulo, oferece o universo sintetizado de fontes utilizadas para produzir o livro, de temática extremamente original.

O volume tem, como primeira questão, identificar quem é velho naqueles tempos. Os Janssens apontam para a historicidade da idade. Se, atualmente, muitos diriam que é em torno dos sessenta e cinco anos que uma pessoa está velha; no século XVIII, a resposta ficaria em cinqüenta.

Em sociedades, como no Antigo Egito, em que as pessoas não sabiam sua idade exata, os critérios para determinar a velhice giravam mais em torno das atividades delas, do que do período de vida em que se encontravam. Em outras palavras, envelhecer era marcado pela diminuição da produtividade e/ou pela dependência de outras pessoas.

Os Janssen iniciam o livro com uma idéia: no antigo Egito, diferentemente de outras grandes e antigas civilizações, o papel dos velhos não era tão visível, fato que explicaria a existência de poucos estudos sobre eles.

Quanto às percepções sobre as velhas gerações, os Janssens, após analisarem vários textos do antigo Egito, referentes em algum momento à velhice, apontam o texto que um vizir, denominado Ptahotep, teria escrito ao seu Faraó, anunciando sua intenção de aposentar-se por estar muito idoso. O Vizir se queixa dos danos e perdas de habilidades que a velhice acarreta e da obrigação, que sente, de transmitir sua sabedoria. Ptahotep descreve a velhice como um período de fraqueza para o homem, porque a boca silencia, o coração vazio não lembra do passado, o nariz não respira, torna-se doloroso sentar, levantar, enfim, tudo fica ruim.

Os autores analisam, a seguir, a auto-biografia de um cortesão de Amenmat I — Sinuhe — que, em exílio na Síria-Palestina, deseja, mais do que nunca, retornar ao Egito, ao perceber que a velhice tinha chegado. Ele dizia que a fraqueza tomara conta dele, os olhos pesavam, os braços estavam fracos, as pernas não atendiam, o coração estava fatigado: em suma, a morte estava próxima.

Os Janssen fazem uma mensagem otimista sobre casos de envelhecimento, tomando as palavras do Príncipe Herdedef sobre o mágico Djdi, em Conto de maravilhas: “Suas condições são como de alguém que vive acima de sua idade — a velhice é tempo de morte, encerramento, e enterro — alguém que dorme toda a noite, sem doenças, nem mesmo uma tosse banal”.

Abandonando a literatura, os autores buscam as palavras, existentes, para designar velhice. Salientam *iau*, cujo determinativo é uma pessoa velha, levando um bastão. A segunda é *teni* e a terceira é *kéhkék*, que refere especificamente o lado físico do envelhecimento. O uso de determinativos representativos de feridas e/ou glândula, ao lado dessas palavras, traduzem, para os autores, o medo dos antigos Egípcios de envelhecer e de sentir o corpo deteriorar, o que significa uma visão deles sobre essa fase da vida.

A arte Egípcia não é a melhor fonte para resgatar a velhice no antigo Egito. As imagens mais comuns daquela arte mostram pessoas, em duas ou três dimensões, saudáveis, vigorosas e graciosas. São geralmente peças da estatuária, que não devem ser vistas como retratos e, sim, idealizações.

Sulcos, caimento facial, cabeças calvas ou com raros cabelos cinzas e até mesmo brancos, gorduras exagerada são alguns dos atributos que raramente aparecem, nas pinturas parietais, nas tumbas de pessoas de alta estirpe do Egito Antigo. Representar homens mais velhos e gordos parece mais freqüente que mulheres idosas; elas nunca são mostradas obesas, nas exceções.

Respaldados, em uma série de exemplos, os Janssen concluem que os artistas egípcios eram pouco inclinados à representação de pessoas velhas nas paredes das tumbas, especialmente quando elas eram de baixa classe social. Sua preferência ficava na observação dos padrões de beleza, com destaque, no masculino: ombros largos e ancas estreitas. Para os dois gêneros, muita esbeltez e serenidade na expressão facial e nos gestos.

As pesquisas em múmias e os textos sobre medicina constituem a melhor fonte para sabermos sobre o processo de envelhecimento, se usarmos parâmetros contemporâneos. Sabemos na atualidade que, entre os

dezoito e trinta anos, o homem possui a melhor imagem corpórea e facial; a partir de então, lenta e inexoravelmente começa o envelhecimento. Segundo os Janssen, os antigos Egípcios não se preocupavam com isso.

Certamente, dizem os Janssen, os antigos Egípcios interessavam-se pela manutenção da beleza e da saúde, o que aparece nos papiros médicos, mas não tinham a preocupação com o envelhecimento, no grau que nós temos hoje. Os autores ilustram a assertiva com o relato de uma expedição de Ramsés IV, +- 1150 a.C., em busca de pedras para construir monumentos, na qual dos 10.000 componentes cerca de 900 morreram. Se isso era normal, eles questionam a respeito das reais chances de envelhecimento para a maioria da população.

Infeções, arteriosclerose e artrites dificultavam a vida dos idosos, segundo recentes e avançadas pesquisas em múmias, as quais permitiram acessar conhecimentos desde a qualidade de vida até o tipo de doenças mais freqüentes dos antigos Egípcios. Tais estudos, realizados nas coleções do Instituto Antropológico de Turim, do Museu Britânico e da Tcheco-Eslováquia, permitem, entretanto, poucas e cuidadosas generalizações. Por exemplo, estabelecer que a mortalidade das mulheres até os 30 anos de idade era maior que a dos homens. Os Janssen advertem que as pesquisas trouxeram, mais que certezas, novas dúvidas sobre as causas e as idades de falecimento dos antigos Egípcios.<sup>25</sup>

Sem dúvida, naqueles tempos, tal como hoje, os critérios de lar de origem e de hereditariedade eram importantes, pois a posição de um idoso, na sociedade, dependia, segundo os autores, da importância das relações de parentesco pessoais do ancião.<sup>26</sup>

No Egito antigo, tudo indica a liberdade de escolha dos cônjuges, mas, quando havia grandes interesses em jogo, há indícios de pressão sobre os jovens, feitas pela parentela, para enlaces específicos, em lugar da livre escolha dos parceiros.

Em um lar, era possível a convivência de três gerações, fato ilustrado pelos Janssens com o caso de Hori, um soldado que abrigou em sua casa, além da sua esposa e filho, a mãe e suas cinco irmãs, quando o pai de todos morreu.

Para ilustrar essas coabitações, os Janssens analisam algumas construções remanescentes em Amarna.<sup>27</sup> Eles partem da idéia de que as diferenças entre elas comprovam os costumes de cada lar. Entretanto, é impossível fazer generalizações, sobretudo no momento, porque há um número grande de papiros inéditos, sobre relações familiares, à espera de transliteração.

Era comum mostrar a parentela nas tumbas e estelas funerárias, em que a figura materna é presença mais freqüente que a paterna, especialmente quando ela, pela sua posição, tivesse facilitado a ascensão social do filho. É o caso, por exemplo, das amas de leite das crianças reais. Assim, concluem os Janssens que os laços de parentesco eram, naqueles tempos, mais solidários que na atualidade.

A imagem dos velhos mortos — tratada no capítulo relativo aos "ancestrais", era representada pelo "Akhu". A palavra designa a força do morto, que permanecia junto aos vivos algum tempo após o seu desaparecimento.

Eles acreditavam que os mortos, como os deuses, podiam interferir na rotina dos vivos. Faziam preces e oferendas funerárias para obter seus favores, o que explica, para os Egípcios, o costume de colocar água, bem essencial, nas tumbas.

Em um exercício de grafologia, os Janssens analisam uma carta da décima dinastia. Eles concluem que o texto, com muitos erros, foi feito por uma mão nervosa, fator indicador de um escriba raivoso. Essa carta, de um marido para a esposa morta, trazia o seu desabafo: queixava-se de que, embora tivesse sido tão bom marido, ela agora o abandonava cheio de problemas na terra.

Ao finalizarem o capítulo, os autores escrevem que estudos sobre cartas como essa ainda podem revelar aspectos desconhecidos, sobre o papel dos velhos, naquela sociedade. Entre os exemplos, está a tendência daqueles que foram autoritários na terra a comandarem a sua parentela até na outra vida.

Na reflexão sobre as diferenças possíveis entre a vida real e a ideal, os Janssens assessoram-se de centenas de estelas funerárias. Eles encontraram algumas considerações desdenhosas para a vida terrena, exaltando o período pós-morte; em outras, exatamente o contrário.

Os autores transcreveram um interessante trecho do Texto Demótico de Sabedoria, conhecido como o Papiro de Insiger, de +- 100 d. C., já do período de dominação romana no Egito, como segue:

O homem passa dez anos de sua vida como criança antes de entender vida e morte.

Ele passa outros dez anos com o trabalho de adquirir o conhecimento com o qual vai ser capaz de viver.

Ele passa mais dez outros anos ganhando e adquirindo posses com as quais viver.

Ele passa mais dez anos até chegar a idade avançada

antes de seu coração tomar conselho.  
Aí restam sessenta anos de vida plena  
a qual Thot prescreveu para o homem de deus.

Os Janssens mostram-se surpresos com a expectativa de cem anos de vida, do texto, e o conceito de idoso, para o homem de quarenta anos, vigente à época. Sem dúvida, dizem eles, todos desejavam viver muito. Por ser como um presente divino, era preciso aclamá-lo, o que explicaria a poesia, possivelmente.

Entre os símbolos da velhice, os Janssens salientam os bastões, conhecidos como "colunas dos velhos", pelo apoio físico que oferecem e também pela representação da dignidade dos poderosos e importantes.

Diferentes tipos de bastões eram colocados, nas tumbas, desde os verdadeiros, usados no dia-a-dia do morto, até outros, especialmente feitos para o seu enterramento.

Mas, além do valor real, o bastão era utilizado pelos Egípcios na criação de uma expressão figurativa: "bastão da velhice", cujo significado era a indicação, do rei, para um filho suceder seu pai, em cargos burocráticos, na prática, enquanto o pai continuava com as mesmas honras. A expressão, conforme os Janssens, atesta a importância do bastão naqueles tempos.<sup>28</sup>

Como entre nós, havia uma associação entre os velhos fisicamente e a figura do padrinho, com conotação social.

O termo, em línguas modernas, refere a expressão Egípcia "pai de deus", cujo significado mudou muito ao longo da História daquela civilização. Ele começou como um título da corte, depois como definidor das relações de seu portador com o rei. Durante o primeiro período intermédio parece ter sido usado para designar o pai do faraó. Já na décima oitava dinastia, o título designava um conselheiro real. Senenmut, preceptor de Neferura, filha de Hatsepsut, intitulava-se "pai da deusa". Há usos excepcionais para o título: Ramsés II chama seu pai — Seti I — de adorado padrinho.

Pela fragilidade, os velhos sempre necessitaram amparo. Sem filhos, um idoso tinha de ser cuidado ou por vizinhos ou por parentes distantes. Como essa perspectiva era assustadora, um casal, se não acontecesse uma gravidez, logo pensava em três opções: adotar, divorciar e fazer novo casamento ou praticar poligamia.

Muito pouco se conhece sobre a adoção no antigo Egito. Os Janssens relatam um caso especial: o das Adoradoras Divinas, especialmente durante o terceiro período intermediário. Eram mulheres que administravam

o Templo de Karnak. Elas tinham de manter-se virgens, por isso adotavam meninas, que eram filhas ou irmãs dos governantes.

Quando os filhos não eram generosos, os pais podiam cortá-los da herança. Os Janssens trazem o exemplo bem conhecido de Naunakhte que, no seu testamento, deserdou cinco filhos que a desprezaram e premiou apenas os quatro que a cuidavam.

Após analisarem as ajudas possíveis dos familiares aos seus velhos, os Janssens buscam investigar o envolvimento entre o Estado e os idosos. Eles encontraram dois grupos de trabalhadores, que possivelmente receberam, do Estado, auxílio na velhice: os trabalhadores das necrópolis de Tebas e os soldados e seus comandantes.

As provas ficam no nível das hipóteses. Por exemplo, as cotas de cevada e trigo recebidas por quatro mulheres, na vila de trabalhadores de Deir el Medina, e registradas, sem mais detalhes, podem ser entendidas como pagamento a viúvas dos trabalhadores? Em outras listas, ocasionalmente, aparecia uma viúva, para receber cereais, mas não há meios de saber a idade delas.

Outra situação, apontada pelos Janssens, de análise problemática, diz respeito à diferença entre a quantidade da ração dada aos trabalhadores, de um modo geral, e a outra, menor, destinada a um pequeno grupo. Embora esse grupo fosse constituído por idosos, não há como saber se eles eram improdutivos, caso em que as rações poderiam ser uma espécie de pensão.<sup>29</sup>

A responsabilidade do Estado para com os militares é mais evidente. Eles recebiam lotes de terra como pagamento. Como, entretanto, o soldado continuava usufruindo esse bem sem lutar, isso pode, na nossa ótica, configurar um arrimo, sobretudo pelo costume, comum, de passar ao filho obrigações que o tornavam "bastões da velhice".

Outra maneira possível de amparar os velhos servidores, facultativa aos governantes, era apontá-los para funções sacerdotais. Essa parece ter sido a atitude de Ramsés III, que nomeou — Inushefnu — seu general, idoso, para administrar o Templo do deus Min.

Os Janssens concluem que, ao menos para os militares, os faraós prestavam algum auxílio na velhice.

Houve Faraós longevos, mas nem sempre isto é fácil de comprovar. Conhece-se a fase da vida em que se encontrava um governante apenas pelos anos de seus reinados. A crença de que os faraós, com a idade, perdiam os poderes mágicos e de que era necessário reforçá-los está na origem do festival denominado de "Heb-Sed". Era uma festividade come-

morativa aos trinta anos de reinado, embora existam indícios de que ela ocorresse a cada três anos de governo.

Usar o acontecimento de "Heb-Sed" como um sinalizador de tempo sofre dois tipos de problemas. Em primeiro lugar, inúmeras vezes a sua representação era uma ficção que estava sendo registrada, uma espécie de magia no sentido de realmente de o rei alcançar esse tempo de reinado necessário. É o caso, por exemplo, do festival de Heb-sed de Hatsepsut.

Em segundo, muitos textos que dizem estar representando o festival sed, estão, na verdade, mostrando a participação do governante em uma cerimônia, após a sua morte.<sup>30</sup>

Além disso, pouco sabemos dessa simbólica cerimônia, pois dela há poucas representações. Uma das mais perfeitas foi a escolhida pelos Janssens e retrata o faraó Sesóstris III, da XII dinastia. O ritual, secreto, incluía a simbolização da morte e a ressurreição do faraó.

Outro problema referente ao Heb-Sed, apontado pelos Janssens, que, em se tratando de tempos tão remotos, é que o desconhecimento da realização do Festival do Heb Sed, em um determinado reinado, deve ser apenas pensado, antes de mais nada e simplesmente como uma falha na documentação disponível.

Tão freqüentes quanto os faraós velhos, eram possivelmente os administradores idosos. Em um capítulo específico, os Janssens tratam de apresentar, ao leitor, alguns funcionários, na velhice, em diferentes posições sociais.

O tom do capítulo é a preocupação em analisar as possíveis razões pelas quais os funcionários se notabilizaram em suas funções. Entre os vários personagens pesquisados e descritos, destacamos Uni, que serviu a três faraós: Teti, Pepi I e Merenre, da sexta dinastia. Isso significa, segundo o cálculo dos Janssens, que Uni viveu cerca de sessenta anos.

A fama de Uni, no meio Egíptológico, começou com a descoberta de sua autobiografia, na capela funerária, em 1860. O texto é altamente literário, com ritmo e feições poéticas. Frases dele foram copiadas, na Vigésima-Sexta dinastia, a demonstrar que até os antigos Egípcios reconheceram o seu valor.

Uni iniciou sua carreira na administração do palácio real e foi tal a confiança que o faraó nele depositada pelo faraó, que Uni passou a ouvir os segredos do harém, para esclarecer uma suspeita de complô ali arquitetado, que envolvia até a consorte real.

Uni, depois, foi indicado para comandar um grande exército, nesse tempo ainda não organizado, o que exigia uma alta capacidade de lideran-

ça do Chefe, desde a arregimentação dos membros, inclusive mercenários núbios, até as estratégias militares rotineiras. Ele combateu várias vezes os habitantes da Síria-Palestina, e suas vitórias ficaram registradas de diversas maneiras.

Subindo mais na administração, Uni foi apontado como governador do Alto Egito (do sul de Mênfis à Elefantina). Foi encarregado de buscar o sarcófago do rei Merenre e o pirâmideon para a sua pirâmide, em Elefantina.

Em resumo, Uni foi um dos grandes administradores do Reino Velho. Outro analisado foi Rediu-Khnum, da Undécima-Dinastia, bastante desconhecido e outros bem mais populares, como Senenmut — a eminência parda — de Hatsepsut.<sup>31</sup>

O capítulo é longo, porém a tentativa dos autores de compor biografias de funcionários reais, juntando indícios esparsos, torna sua leitura uma tarefa prazerosa, em especial pelos desvendamentos arqueológicos e filológicos.<sup>32</sup>

Como uma espécie de "post-script", à guisa de original encerramento, do livro, os Janssens resumem a vida de uma Egíptóloga centenária, a quem prestam especial homenagem: Margaret Murray, uma pessoa que dedicou sua vida ao estudo daquela sociedade.<sup>33</sup>

O capítulo é envolvente, pois ambos conheceram pessoalmente Dra. Murray e, como a maioria de seus contemporâneos, são gratos a ela, seja pelo incentivo, camaradagem e companheirismo ou simplesmente pelas contribuições dadas por ela prestou ao conhecimento do Egito antigo.

Os autores procuram traduzir a tarefa prazerosa de escreverem juntos os livros. Alertam que uma dupla casada pode ter pequenos atritos no dia-a-dia, ao escrever livros, mas que, agora, eles estão prontos. Isso é motivo de alegria e de afeto mútuo. Com simplicidade, confessam que, se a leitura for agradável, seus objetivos terão sido atingidos.

Sem dúvida, a pesquisa de uma vida que o casal sintetizou nesses dois volumes constitui uma contribuição inestimável para todos que se interessam pela história do Egito antigo. A originalidade das temáticas e a pertinente escolha dos textos e das ilustrações atestam a tradição e a competência de Rosalind e de Jac Janssen para as tarefas a que se propuseram. Seguindo a trajetória do sol — o deus Rá — dos antigos Egípcios — eles acompanharam os passos daquelas pessoas, do nascimento à velhice, procurando conhecer os processos de passagens, à luz dos valores daquela época.

## Notas

<sup>1</sup> Rosalind tem inúmeras publicações sobre o tema, entre as mais recentes: "The 'Ceremonial Garments' of Thutmosis IV Reconsidered", *Studien Zur Altägyptischen Kultur* 19 (1992), 217-224; "Costume in New Kingdom Egypt", in: Saason, J.M. et al (Eds), *Civilizations of the Ancient Near East*, 1, New York, 1995, 383-394; *An Ancient Egyptian Erotic Fashion: Fishnet Dresses*, KMT 6 (4) (Winter 1995-1996), 41-47; *The Linens of Idu II*, in: Bettina Schmitz (ed), *Untersuchungen Zu Idu II, Giza. Ein interdisziplinäres Projekt* (Hildesheim, 1996), 47-56 (*Hildesheimer Ägyptologische Beiträge*, 38).

<sup>2</sup> A produção científica de Jac Janssen inclui cerca de uma centena de obras, entre artigos e livros. A relação que segue inclui apenas aqueles considerados como de consulta indispensável, para qualquer estudioso de Egito antigo: *Two Ancient Ship's Logs* (Diss. Leiden, 1961), *Commodity Prices from the Ramessid Period* (Leiden, 1975), *Late Ramesside Letters and Communications = Hieratic Papyri in British Museum VI* (London, 1991).

<sup>3</sup> "Marriage Problems and Public Reaction", in: *Pyramid Studies and Other Essays presented to J.E.S. Edwards*, London.

<sup>4</sup> É importante informar que o livro que eu estava consultando era um dos volumes da "Annual Egyptological Bibliography", importantíssima publicação, de resenha de todos artigos e livros, de caráter científico, de egiptologia. O Dr. Janssen foi o editor responsável por onze desses volumes. A sua aposentadoria precoce, em 1983, da Universidade de Leiden e das atividades de editor foi profundamente lamentada nesse meio. Desde 1988, ele é "Honorary research associate of University College London".

<sup>5</sup> A referência completa dos livros é a que segue: *Growing up in Ancient Egypt*, London, The Rubicon Press, 1990, *Getting old in Ancient Egypt*, London, The Rubicon Press, 1996.

<sup>6</sup> Entre as inúmeras atividades de Rosalind, pelo mundo egiptológico, vejamos algumas recentes: Conferencista convidada para Holman Symposium on Ancient Egypt, Fordham University, New York (1991); The 17th Classical Colloquium of the Department of Greek & Roman Antiquities, British Museum (1993); American Research Center in Egypt's 46th Annual Meeting, Atlanta, GA (1995); *Ars Textrina* 13th International Annual Textile Conference, Leeds (1995); American Research Center in Egypt's 47th Annual Meeting, St. Louis, MO (1996). Consultora sobre textos da expedição de Macquarie University, Sidney, Austrália, que trabalha em Tebas, na Tumba 148. (1996-1997) e da John Hopkins University, Baltimore, EUA, que trabalha na Tumba 92, em Tebas. (1997).

<sup>7</sup> Antes dos livros, o casal tinha escrito alguns artigos juntos, entre eles: "(htr) n ish = 'pair of sleeves'?", *Göttinger Miszellen* 45 (1981), 21-26, "Six Inscribed Objects in the National Museum of Archaeology", Malta, *Chronique d'Égypte*

LIX (117) (1985), 14-26; "The Egyptian Laundry", *Wepwet* (Summer 1985), 23; "A Priest's walking-Stick", *Göttinger Miscellen* 105 (1988), 15-19; "Candlewick Coverlets", *Discussions in Egyptology* 16 (1990), 53-61; "Opgravingen in een Museum; onvermoede schatten in het Petrie Museum", *De Ibis* 16 (1) (1991), 2-7; "An Ancient Egyptian Rat Trap", *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Abteilung Kairo* 46 (1990); "A cylindrical Amulet Case: Recent Investigations", *Gegengabe. Festschrift für Emma Brunner-Traut*. (Ed. Ingrid Gamer-Wallert & Wolfgang Helck), Tübingen 1992, 157-165.

<sup>4</sup> Em 1992 Rosalind editou *Mummies, Children and museums*, UCL Newsletter 1(4) (4 november 1992), 3.

<sup>5</sup> Sobre o tema, ver artigo de Rosalind: *The fiscal structure of the Pharaohs: Taxation, money, prices and wages in Ancient Egypt*, *The Treasurer* 8 (5) (May 1986), 33-35, de Jac Janssen: "Prices and wages in Ancient Egypt", in: *Altorientalische Forschungen* 15, 10-23.

<sup>6</sup> Conforme referido, Rosalind é autoridade, consagrada internacionalmente, no que tange a tecidos e vestimentas. Uma de suas mais completas publicações sobre o tema, trata-se de: *Egyptian Textiles. Revised Edition*. (Shire Egyptology, 4), Shire Publications Ltd, Aylesbury 1990, 72 pp, 52 figs.).

<sup>7</sup> A coleção de tecidos e vestimentas do antigo Egito, disponível no Petrie Museum, é uma das melhores do mundo. Entre os primeiros trabalhos com o intuito de analisar tais peças, encontram-se vários de Rosalind Hall, como segue: "The discovery and conservation of an Ancient Egyptian Linen Tunic", *Studies in Conservation* 24 (4) (1979), 141-152; "New Exhibition in the Petrie Museum of Egyptian Archaeology: Ancient Egyptian Linen dresses", *The Museum Archaeologist* 4 (1979), 9-10; "Burial Dresses in the Petrie Museum", *The Bulletin, University College London* 4 (18) (March 1980), 4-5; "A pair of linen sleeves from Gurob", *Göttinger Miscellen* 40 (1980), 29-38; "A mohair dress in the Petrie Museum", *Göttinger Miscellen* 41 (1980), 29-38; "Two linen dresses from the fifth dynasty site of Deshasheh now in the Petrie Museum of Egyptian Archaeology", University College London, *Journal of Egyptian Archaeology* 67 (1981), 168-171; "Newly discovered Egyptian dresses in the Petrie Museum", *The Bulletin University College London*, 5 (7) (December 1981), 8-9; "Textiles in the Petrie Museum of Egyptian Archaeology", *Conservation News* (United Kingdom Institute for Conservation of Historic and Artistic Works) 17 (March 1982), 11-12; "The world earliest dresses", *The Egyptian Bulletin* 3 (December 1982), 15-17; "A pleated dress from a sixth dynasty tomb at Gebelein now in the Museo Egizio", Turin, *Journal of Egyptian Archaeology* 70 (1984), 136-139; "The cast-off garment of yesterday": dresses reversed in life and death. *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 85 (1985), 235-243.

<sup>12</sup> Ver: HALL, Rosalind "Soft toys from Egypt". *Journal of Roman Archaeology (Suppl. Series Nr.19) = Archaeological Research in Roman Egypt*. Ed. Donald M. Bailey, Ann Arbor, MI, 1996, 231-239.

<sup>13</sup> Rosalind e Jac Janssen escreveram juntos e publicaram o livro: *Egyptian household animals*, Aylesbury, Shire Egyptology, 12, 1989.

<sup>14</sup> Prof. Janssen deu aulas na Alemanha, Bélgica, Suíça e Holanda sobre aspectos socioeconômicos da vida diária no Antigo Egito, particularmente sobre os trabalhadores da comunidade de Deir el Medina.

<sup>15</sup> Ver: "The mission of the Scribe Pesiur" e "A draughtsman who became scribe of the Tomb" in *Gleanings from Deir el Medina*, Ed. by R.J.Demarée and Jac. Janssen, Leiden, 109-131.

<sup>16</sup> Ver: "Two personalities", in *Ibidem*, p.109-131.

<sup>17</sup> Ver, de Jac. Janssen: "The smaller Dakhla Stela", in: *JEA* 54, 165-172.

<sup>18</sup> Sobre o tema, Janssen escreveu: "An allusion to an Egyptian wedding ceremony?", 1974, in: *Göttinger Miscellen* 10, 2d5-28.

<sup>19</sup> Sobre o tema, Janssen tem o artigo específico: "La reine Nefertari et la succession de Ramses II par Merenptah", in: *Chronique de l'Égypte XXXVIII*, 1963, 30-36.

<sup>20</sup> Ver, de Rosalind Janssen: "Recollection of a 'golden boy': John Pendlebury at el-Amarna", *Discussion in Egyptology* 36 (1996), 52-37.

<sup>21</sup> Ver, de Jac Janssen: "Die struktur der pharaonischen wirtschaft", in: *Göttinger Miscellen* 48, 59-77.

<sup>22</sup> Sobre o papel dos Templos, ver, de Jac Janssen: "The role of the Temple in the Egyptian Economy during the New Kingdom". In: *State and Temple Economy in Ancient Near East*. Ed. by E. Lipinski, Leuven, 1979, 505-515.

<sup>23</sup> O chamamento completo: "Getting old in Ancient Egypt", London, Rubicon Press, 1996.

<sup>24</sup> "(...) we have again decided not to encumber the present volume with a plethora of notes referring to the scientific works we consulted. Our colleagues should not need them; they are capable of recognizing our sources themselves, while lay people would hardly enjoy them, even if they could ever track down these studies. The bibliography at the end may be of some help, but reader should bear in mind that it is merely a small selection from the numerous works we have consulted." p. xvii.

<sup>25</sup> Ver, de Rosalind Janssen: "Dental Health in Ancient Egypt, with particular reference to the mummification heads in the Petrie Museum of Egyptian Archaeology", University College London, *Bulletin of the History of Dentistry* 39 (2) (October 1991), 61-64.

<sup>25</sup> Ver, de Jac Janssen: "Kha'emtore, a well-to-do workman", in: *OMRO LVIII*, 221-232.

<sup>26</sup> Ver, de Jac Janssen: "The Water supply of Desert Village", in: *Nedehavsmuseet Bulletin 14*, 9-15.

<sup>27</sup> Ver, de Jac Janssen: "A priest's walking stick", *Göttinger-Miszellen 105* (1988), 15-19.

<sup>28</sup> Ver, de Jac Janssen: "Agrarian Administration in Egypt during the Twentieth Dynasty", in: *Bibliotheca orientalis XLII*, 351-366.

<sup>29</sup> Sobre a escrita egípcia, ver, de Jac Janssen: "On style in Egyptian handwriting", in: *JEA 73*, 161-165.

<sup>30</sup> Ver, de Jac Janssen: "Fara's Leger", in: *Beschermers en Bedreigers*. Ed. H. Claessen, Leiden, 11-25.

<sup>31</sup> Ver, de Jac Janssen: "Two Egyptian Commandments", in: *Funerary symbols and religion. Essay dedicated to Professor M.S.H.G. Heermavan Voss*, Kampen, 52-59.

<sup>32</sup> Ver, de Rosalind Janssen: "The first hundred years". *Egyptology at University College London 1892-1992*, University College London, London, 1992, 128 pp, 42 figs.